

GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI - O *ENTRE-LUGAR* DE DUAS VIDAS

Valdo Barcelos*

* Professor Associado-UFSM-Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/CE/UFSM. Santa Maria, RS. Doutor em Educação/Pós-Doutorado em Antropofagia Cultural Brasileira. Coordena o Núcleo KITANDA: Educação e Intercultura-CNPq-UFSM- Pesquisador do Núcleo MOVER: Educação Intercultural e Movimentos Sociais-UFSC. E-mail: vbarcelos@terra.com.br

O poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz (1914-1998) escreveu certa ocasião que algumas vidas são tão marcantes, para a cultura da humanidade, que se pode ficar sem saber o quanto essas vidas influenciaram sua época e quanto a época influenciou essas vidas. Penso que esta é uma afirmação que pode muito bem ser aplicada ao legado deixado para o pensamento intelectual de diferentes épocas e lugares por Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992). O primeiro filósofo e o segundo psicanalista por formação. Ambos se encontraram no ano de 1969, e a partir daí começaram uma intensa relação que uniu amizade, militância política, trabalho e uma das mais intensas produções intelectuais do século passado.

Agora podemos ter acesso a esse legado deixado por essa parceria por meio da leitura da obra intitulada *Gilles Deleuze & Félix Guattari - Biografia Cruzada*, de autoria de François Dosse publicada, recentemente, no Brasil, pela Editora Artmed, 2010.

Já nas primeiras linhas do Prólogo somos desafiados a sair do sedentarismo intelectual, tão ao gosto de certa parcela do academicismo, quando Dosse se indaga sobre o entrecruzamento presente na intensa produção de Deleuze e Guattari, em especial, no período que vai de 1969 a 1991. Um entrecruzamento que resultou em uma obra feita a quatro mãos. Uma parceria tão forte e simbiótica que se pode perguntar: Quem escreveu? Um ou o outro? Um e o outro? Dosse opta por não se arriscar em querer decifrar o enigma, contentando-se, apenas, em denominar este processo de uma construção “entre-dois”.

O que uniu por longos anos Deleuze e Guattari não foi uma mera parceria intelectual. Foi muito além disso. Foi uma parceria de vidas. Nas palavras de Gianmarco Montesano “Raramente se viu duas pessoas se amarem e se estimarem de verdade como Gilles e Félix. Uma delegação de confiança total entre eles. Uma ligação intelectual e humana total, comovente” (p. 22).

François Dosse dá início à escrita da *Biografia Cruzada* contando a caminhada de Felix Guattari. Sua infância, suas angústias, o envolvimento com os estudos e com a militância política que marcou fortemente sua juventude. O autor faz uma detalhada descrição da experiência revolucionária da Clínica La Borde, idealizada por Guattari, para o campo da psiquiatria da época. Em suas experimentações clínicas, Guattari gostava de “deslocar” as pessoas de suas funções tradicionais. Fazia isso remetendo-as para desafios que exigiam que realizassem, por exemplo, atividades cotidianas diferentes daquelas para as quais estavam habilitadas tecnicamente. Com isto as levava a estabelecer novas relações, a construir novos agenciamentos de vida. E fazia isto não apenas com seus pacientes da Clínica La Borde. Quando chegavam à clínica novos candidatos a emprego ou a estágios, Guattari os desafiava a conhecer a experiência revolucionária que ali se desenvolvia. Os recém-chegados eram desafiados por Guattari a saírem de seus pequenos e tradicionais mundos profissionais. Por exemplo: mandava um médico para a cozinha para lavar as louças que os loucos utilizavam, ou um psicólogo era designado para trabalhar na área administrativa da clínica, etc, etc. Quando, Michel Rostain, um jovem que recém tinha concluído o curso de Filosofia na Sorbonne, telefona para Félix e pede para entrar na equipe de La Borde, escuta de Guattari: “Você vem, mas vai trabalhar: vai lavar louça, conversar com os loucos, aprender a dar injeções, fazer parte da guarda noturna, vender flores com os loucos pelas ruas da cidade próxima e discutir o organograma” (p. 54). Não raro acontecia de profissionais chegarem à clínica para um estágio de um mês e acabarem ficando por sete, oito, dez anos. O ambiente em La Borde não só era desafiador apenas profissionalmente como, também, era extremamente envolvente intelectual e afetivamente para os que nela chegavam.

O que aconteceu em La Borde deixou marcas profundas na visão de mundo sobre as diferentes formas de tratar a loucura e suas derivações. Foi uma experiência mítica, uma utopia. Como afirma François Dosse: seus membros queriam pouco, “apenas reinventar o mundo” (p. 44). A experiência que se desenvolveu em La Borde foi algo totalmente atípico. Nela, a loucura recebia um tratamento completamente diferente de tudo o que já se tinha visto até então. Constituiu-se, mesmo, em uma “Utopia realizada” (p. 44). Ao mesmo tempo em que certas práticas arcaicas e autoritárias de tratar os loucos e a loucura eram abandonadas,

não se abria mão de usar o arsenal medicalizante quando isto se tornava imprescindível.

GUATTARI E DELEUZE, UMA PARCERIA DE VIDAS

O primeiro encontro entre Félix Guattari e Giles Deleuze, aconteceu em 1969. Esse encontro uniu por longos anos dois pensadores originais que marcaram sua produção intelectual pelo inconformismo. Mais que atingir o limite de sua época foram além e forçaram sua ultrapassagem. Foram ousados e, ao fazer isto, se credenciaram a serem reconhecidos como dois dos maiores pensadores dos últimos séculos.

Guattari e Deleuze olhavam para o sistema vigente sempre com desconfiança. Para ambos, a sociedade não é um ente abstrato, ao contrário, é aquilo que dela fazem homens e mulheres em seu dever. Se vivemos numa sociedade autoritária e tirânica, cabe buscar entender porque assim ela se tornou. Não por acaso existem tantas leis, tantas normas e tantas regras a serem seguidas. São normas e regras todas pensadas, elaboradas e postas em movimento por quem nessa sociedade vive. Deleuze escreve sobre isto dizendo que as tiranias são regimes em que existem muitas leis e poucas instituições. Já nas democracias acontece o contrário disto. Existe uma diversidade muito grande de instituições e micro-instituições, em contraponto a um reduzido número de leis e normas burocráticas de organizar, vigiar, enfim, controlar a vida das pessoas.

A parceria Deleuze/Guattari tem na literatura um lugar privilegiado de pesquisa e de experimentações para suas teses. Não por acaso dois conceitos fundamentais na obra de ambos, *Rizoma* e *Agenciamento*, foram construídos sob a forte influência da obra de outro grande pensador: Franz Kafka (1883-1924). Ao estudar a obra de Kafka, se referem a ela como um grande rizoma ou como uma cova por onde se pode entrar por diferentes portas, sabendo, contudo, que são desconhecidas suas formas possíveis de organização. Um desafio que pode ser assustador para as mentes acomodadas e afeitas ao previsível, ao programável.

A parceria Deleuze/Guattari rendeu um grande número de obras fundamentais para o século em que viveram. Entre obras de grande e médio porte como os livros *Anti-Édipo* (1972) e *Capitalismo e Esquizofrenia* (1980) estes intelectuais produziram vários ensaios para revistas acadêmicas, cadernos de cultura de jornais, bem como para periódicos de organizações de militância de esquerda europeia. Um excelente exemplo desta produção é o texto intitulado *Rizoma*. Este texto é considerado essencial para o entendimento da proposta inovadora de Deleuze e Guattari. No texto defendem a multiplicidade de entradas possíveis em uma obra.

Todas elas pertinentes. Assim sendo, nenhuma porta de entrada tem privilégio sobre a outra. A proposta do Rizoma é uma teoria da recepção, da leitura, e se justifica ao valorizar, fundamentalmente, a postura ativa do leitor em relação aquele que escreve a obra. Para Deleuze e Guattari, “O Rizoma, como teoria da leitura, leva em conta, portanto, o ato de leitura e faz da recepção uma produção ativa, uma verdadeira transformação e uma captura da obra” (p. 298).

A teoria do Rizoma se transpõe para outras dimensões do devir humano. Com ela, Deleuze e Guattari rompem com o raciocínio linear e com os esquemas causais de análise e de interpretação que imperavam nas formas de pensar até então. Rompem com a ideia de que existem pontos originais e extremidades finais. Para eles, o que existe é um número infinito de conexões a serem feitas e refeitas no processo dinâmico do viver. Em contraposição às ligações binárias, o Rizoma pode ter qualquer um de seus pontos conectado a qualquer outro, assim como pode ser rompido em qualquer parte. Mais que isto, segundo Deleuze e Guattari, “deve sê-lo” (p. 299). Durante os anos em que trabalharam juntos Deleuze e Guattari construíram uma obra original e excepcional. Talvez excepcional justo por ser original.

O autor desta biografia cruzada, ao encerrar seu texto de mais de 400 páginas se faz uma instigante pergunta: “O que tornou possível esse encontro tão fecundo ocorrido entre Deleuze e Guattari?” Penso que seus leitores e leitoras, pelo mundo afora, terão muitas e diferentes respostas para esta pergunta. De minha parte, e seguindo o que propuseram Deleuze e Guattari, mesmo sendo respostas diferentes podem ser todas válidas, afinal, a vida destes dois pensadores se confundiu com uma de suas grandes criações: a teoria do Rizoma. Então que cada um entre na vida e na obra de ambos por onde escolher. Perca-se. Encontre-se ou... construa sua linha de fuga.

Uma boa leitura.